

Super-Heróis X Vilões: Vivências Sociopsicodramáticas com Crianças Vítimas de Violências

Resumo

Este artigo discorre brevemente sobre o uso de personagens super-heróis e vilões no trabalho psicodramático com crianças vítimas de violências. A pesquisa fundamentou-se na teoria socionômica de Moreno. Como metodologia utilizou-se o sociopsicodrama, através de grupos quinzenais com sete crianças de oito a dez anos. Nos encontros surgiram emoções e padrões experimentados em suas relações. A partir das vivências com os personagens de super-heróis e vilões foi possível trabalhar a flexibilidade desses papéis. A utilização de personagens conhecidos pelas crianças facilitou o aquecimento, e permitiu explorar os papéis que elas vivenciam em suas relações familiares e sociais, principalmente por tratar-se de crianças que vivem em ambiente de vulnerabilidade devido à violência.

Palavras-chaves: Crianças. Sociopsicodrama. Violências.

Introdução

Está pesquisa surgiu com o intuito de promover um atendimento de foco psicoterápico dentro de um espaço de assistência social que é o CREAS – Centro de Referência Especializada de Assistência Social. Devido a isso, foi necessária a autorização da gestão da assistência social no município no qual foi realizado.

De acordo com lei nº 12.435/2011, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) é a unidade pública estatal de abrangência municipal ou regional que tem como finalidade o trabalho com famílias e indivíduos em situação de risco pessoal ou social devido às violações de direitos, ou seja, é o serviço de assistência social responsável pelo trabalho com as situações de violências.

Ao falarmos de crianças que passaram por situações de violação de direitos, já identificamos um papel social definido: o de vítima. E um contra papel: o de agressor. Cabe questionar: e como trazer esses papéis para a vivência psicodramática? Assim, surgiu a ideia de utilizar personagens conhecidos no mundo infantil.

A partir dessa incitante percepção, construiu-se o problema de pesquisa: Como os personagens de super-heróis podem ser utilizados em um grupo psicodramático com crianças e quais as emoções que emergem neste? Objetivou-se identificar as emoções despertadas pelos diferentes personagens e analisar o processo de desenvolvimento de espontaneidade e criatividade dos participantes do grupo.

Fundamentação Teórica

O Desenvolvimento da Criança

No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, considera-se criança toda a pessoa desde o seu nascimento até os doze anos de idade, quando começam, em geral, as mudanças hormonais da puberdade e a entrada na adolescência (Lei n.8069, 1990).

Para Moreno, toda criança é um gênio em potencial. A espontaneidade e criatividade são fenômenos primários e positivos, porém muitas vezes essas aptidões não são desenvolvidas como poderiam. Acredita que o nascimento é o momento em que é requerida uma resposta totalmente nova, positiva, e espontânea. “A espontaneidade é a capacidade de um indivíduo para enfrentar adequadamente cada nova situação.” (Moreno, 1993, p. 132).

Moreno (1993) compreende o desenvolvimento do ser humano com base nas suas relações e nos papéis que desempenha. Dividiu em cinco fases:

A primeira fase consiste em que a outra pessoa é, formalmente, uma parte da criança, isto é, a completa e espontânea identidade.

A segunda fase consiste em que a criança concentra a sua atenção na outra pessoa e estranha parte dela.

A terceira fase consiste em separar a outra parte da continuidade da experiência e deixar de fora todas as demais partes, incluindo ela mesma.

A quarta fase consiste em que a criança situa-se ativamente na outra parte e representa o papel desta.

A quinta fase consiste em que a criança representa o papel da outra parte, a respeito de uma outra pessoa, a qual, por sua vez representa o seu papel. Com essa fase, completa-se o ato de inversão de identidade. (Moreno, 1993, p. 112)

Um ponto importante do desenvolvimento infantil ao qual Moreno (1993) atenta é a “brecha” entre a fantasia e a realidade. Ao longo das fases, posteriores à brecha, formam-se dois conjuntos de processos de aquecimento: um voltado para a fantasia e outro para a realidade. O objetivo não é deixar nenhum dos dois mundos, mas sim manter-se no domínio de ambos.

Clusters

“*Clusters*” ou “cachos de papéis” é considerado o conjunto de papéis que se agrupam conforme determinada dinâmica. Nas palavras de Moreno (1993, p. 230), “Os papéis não estão isolados, tendem a formar conglomerados. Dá-se uma transferência de espontaneidade dos papéis não representados para os que serão representados. A esta influência dá-se o nome de efeito *cluster*.”

Assim, existem, segundo Bustos (2001), três principais agrupamentos: o *cluster* um ou materno, que corresponde às relações de cuidado; o *cluster* dois ou paterno, que são as relações de autoridade; e o *cluster* três ou fraterno, que são as relações de simetria.

Violências

Ao tratar do tema violências é importante considerar o que cita Misse (2008), de que o termo deve ser utilizado no plural, pois não existe uma violência, mas sim diversas violências e estas possuem distintas funções e destinos.

Nessa lógica, é possível identificar que as violências são concebidas de diversas formas, porém, são tidas como as relações de dominação, em que são expressas as hierarquias, nas quais a vontade de alguns se sobressai à vontade de outros. (Ferrari, 2002a).

A autora enfatiza ainda que existem diversas formas de expressão dessas violências, dentre elas a física, sexual e psicológica. Em termos gerais, a violência física é tida como o uso de força física de maneira imprópria, causando lesões ou sofrimento à vítima. A violência psicológica está vinculada à ausência de interesse emocional pela criança (abandono), atitudes de ameaças, de isolamento ou exploração. Já a violência sexual configura-se pela utilização da criança como objeto de gratificação para necessidades ou desejos sexuais do adulto, causando danos ao seu desenvolvimento.

Metodologia

A metodologia de pesquisa foi o sociopsicodrama, considerando a ideia de Naffah (1980) de que qualquer psicodrama é um psico-socio-drama, não havendo separação entre a perspectiva individual e a coletiva. Assim, parte-se do grupo para atingir a subjetividade do indivíduo. Nesse caso, foram realizados grupos de sociodrama, jogos psicodramáticos, teatro espontâneo, e dramatizações em cenas abertas.

Esta forma de pesquisa está fundamentada na Teoria Socionômica de Moreno e organiza-se através de quatro etapas: 1) *aquecimento*, no qual o grupo é estimulado a deixar o contexto social e voltar-se ao contexto grupal; 2) *dramatização*, em que, através de cenas ou personagens, ocorre o aprofundamento do tema; 3) *compartilhamento*, momento em que todo o grupo traz seus sentimentos e emoções

despertados pela problemática; 4) *processamento teórico*, quando o diretor e a equipe fazem uma análise das ações que aconteceram. (Nery; Costa; Conceição, 2006).

Os elementos presentes são o Diretor, que é o investigador social; os Ego-Auxiliares, que são terapeutas treinados na função de auxiliar o diretor e o protagonista; o Protagonista, que traz o conteúdo do drama grupal; a Plateia, composta pelos observadores e também participantes do drama; e ainda o Espaço Cênico que é onde a vivência terapêutica acontece (Nery, Costa, Conceição, 2006).

Percursos da pesquisa

Foram escolhidas, a partir de atendimentos familiares pregressos, sete crianças, mediante autorização dos pais. Como critérios de escolha fixou-se que deveriam ter passado por alguma vivência de violência física, psicológica ou sexual, estivessem em uma faixa etária de 8 a 10 anos e tivessem disponibilidade para atendimento no período matutino.

O grupo foi composto de acordo com o quadro abaixo. Cabe aqui salientar que os nomes utilizados são de cunho fictício:

Descrição dos participantes

Nome	Idade	Sexo	Histórico
Tony Stark	9 anos	Masc.	Tony reside com os pais e um irmão de 11 anos. Os avós paternos compartilham do mesmo terreno. Encaminhado para atendimento devido à agressão física praticada pelo pai. Existem conflitos familiares constantes entre os pais e com os avós paternos.
Susan Storm	9 anos	Fem.	Susan mora com a mãe, o padrasto e uma irmã de 2 anos. Possui outros dois irmãos adolescentes por parte da mãe, que residem com a avó materna. Tem uma irmã de 6 anos por parte de pai que reside com os avós paternos. A convivência com o pai deixou de acontecer no último ano, devido a um novo relacionamento deste. Foi encaminhada para atendimento por ter sofrido agressão física da mãe.
Shiera Sanders	8 anos	Fem.	Shiera reside com a mãe e o irmão de 15 anos. O avô materno mora no mesmo prédio. A convivência com o pai é quinzenal. Foi encaminhada para atendimento devido a abuso sexual praticado por vizinho.

Bruce Wayne	8 anos	Masc.	Bruce convive com a mãe e um padrasto, que é usuário de substâncias psicoativas, encaminhado devido à violência psicológica praticada pelo padrasto.
Diana de Themyscira	10 anos	Fem.	Diana é irmã de Dinah, ambas convivem com os pais e com mais dois irmãos, um de 11 anos e outra de 3 anos. Encaminhada para atendimento devido a abuso sexual praticado por tio paterno.
Dinah Laurel Lance	8 anos	Fem.	Dinah foi encaminhada para atendimento devido a ter vivenciado o abuso sexual da irmã praticado por tio paterno.
Barry Allen	9 anos	Masc.	Barry residia com a mãe, um padrasto e o irmão de 12 anos, que possui deficiência intelectual. Devido à violência física praticada pelo padrasto e a negligência da mãe, foi para o serviço de acolhimento. Atualmente reside com uma irmã, cunhado, seus dois filhos e o irmão de 12 anos.

Após a definição dos participantes, foram esquematizados, de acordo com os objetivos da pesquisa, cinco encontros com o grupo. As propostas de atividades foram roteirizadas, porém poderiam ser adaptadas de acordo com o andamento do grupo. Os encontros aconteceram quinzenalmente e ressalta-se que durante o percurso os participantes não estiveram presentes em todos os momentos.

Análise dos dados

Encontro 1 – Convenção de super-heróis

No primeiro encontro, o aquecimento foi através de jogos que trouxeram personagens de super-herói, vilão e vítima, e em seguida a observação e reconhecimento dos principais personagens das histórias de super-heróis dando-lhes características, o que culminou na escolha por cada criança de um personagem super-herói para um teatro espontâneo. A cena consistiu em uma reunião dos super-heróis para resolver como salvar o mundo.

Neste encontro o aquecimento propôs olhar para os super-heróis, trazer o que eles compreendem e como os veem. Surgiram situações de disputas observadas através

da fala de uma das participantes quando mencionou que existiam menos super-heróis do sexo feminino e isso a incomodava. Tal comentário expressou um fenômeno importante a ser olhado, principalmente quando o assunto são violências: trata-se da reprodução de uma questão social, que é a desigualdade de gêneros. Esse padrão discriminatório foi intensificado durante a dramatização, quando decidiram que os super-heróis meninos iriam prender os vilões e as meninas iriam apenas auxiliar, reproduzindo, dessa forma, vivências que presenciam de desvalorização física e psicológica feminina. É importante atentar que, apesar da tenra idade, essas relações já estão demarcadas e percebidas por esses participantes.

A diretora utilizou-se durante a dramatização da técnica do espelho, considerando o que Fonseca (2008) frisa referente ao processo de o *Reconhecimento do Eu* ser um processo inesgotável, pois, ao sair da cena e ter consciência de sua atuação nesta, a criança referiu não estar no seu personagem, mas sim repetindo os seus padrões de comportamento. Verificou-se que no compartilhamento ela se identificou com o personagem em alguns aspectos e, desta forma, percebeu-se que está desenvolvendo esse processo de reconhecimento.

Nesse primeiro momento foram evidenciadas as relações de *cluster* três: tanto no compartilhamento quanto no momento da dramatização os participantes trouxeram momentos nos quais se envolviam com iguais. Ao construírem a dramatização definiram que seria uma reunião para decidir como iriam derrotar os vilões, e nesse processo trouxeram disputa, o sentimento de “rivalidade”. Bustos (2001), ao falar sobre as relações simétricas, nos apresenta a rivalidade como o desejo de destruir para ganhar, sendo esta uma das formas com as quais aprendemos a nos relacionar com os nossos pares, competindo e rivalizando.

No compartilhamento (pós-dramatização), quando eles relataram que presenciavam brigas com os irmãos ou entre os pais e buscavam consensos sem sucesso, demonstraram que estão vivenciando situações de competição e rivalidade, almejando o que Bustos (2001, p. 159) descreve sobre compartilhar: “requer um desejo de doar aquilo que cada um tem para o bem comum”. Porém, nossa sociedade é individualista e aprendemos desde crianças a competir e a ganhar. Ao mesmo tempo, referiram não se sentir bem com o fato de brigarem com os irmãos ou de presenciarem as disputas entre os pais. Há, portanto, uma idealização em compartilhar, mas uma estimulação da competição.

Encontro 2 – Qual é o meu poder?

Para iniciar o aquecimento fizeram-se alguns jogos. Em seguida com figuras dos super-heróis coladas em um cartaz, pediu-se para que eles escrevessem características que percebessem naqueles personagens. Na sequência, pediu-se para que identificassem quais dos atributos listados eles próprios possuíam. Trabalhou-se com a concretização através de imagens das características de vilão e super-heróis que encontravam em si e nos outros.

Neste segundo encontro a proposta foi compreender qual a visão que a criança tem de si mesma, como a sua família construiu a sua autoestima e como está o “reconhecimento do eu”. Cukier (1998) nos fala que a criança nasce sem nenhuma noção de valor, ou seja, sem um juízo do certo e do errado, e isso é construído de fora para dentro, ou seja, é estabelecido através das suas relações.

Foi possível perceber que ao referir-se aos super-heróis e vilões, citaram qualidades como “poderoso, protetor, amigo, esperto, salvador, legal, mau, briguento”, entre outros. Porém, quando se solicitou que evidenciassem as próprias características, demonstram maior dificuldade em listar as qualidades positivas, focando na agilidade

física, e apenas duas meninas expuseram sutilmente sobre qualidades psicológicas: uma disse ser amiga e a outra afirmou ser legal.

A dificuldade de descrever sobre suas características psíquicas pode indicar a possibilidade de um posicionamento regressivo na matriz de identidade, pois não definem com exatidão como se sentem ou o que desejam. Observa-se que definem qualidades quando se referem aos personagens, porém se vinculadas a si mesmos, suas descrições, ainda que no compartilhamento, são referentes a fatos concretos, como empurrar, beliscar, jogar pedras, etc.

Cukier (1998) nos chama a atenção para a concretude do pensamento infantil, que normalmente faz uma separação extremada entre bom e ruim, tudo e nada. Isso faz com que a criança não compreenda que às vezes as pessoas podem cometer enganos e nem por isso serem más ou vice-versa. Outra consideração importante é que dependem dos papéis paternos e maternos para desenvolver-se e não possuem ainda um sistema de defesas complexo, dessa forma, sentem-se ainda misturadas a esses pais. Sentem-se culpadas por brigas entre os pais, acreditam serem más se estes as abandonam ou se afastam.

Esse sentimento de culpa está vinculado às lacunas no processo de individuação, no qual o descobrimento da própria identidade e da identificação do outro fica comprometida. Isso pode ocorrer quando os papéis paterno e materno não oferecem uma base protetiva.

Conforme nos coloca Ferrari (2002b), é na família que acontece o aprendizado através de papéis sociais e, ao não trazerem aspectos positivos de si mesmas, essas crianças nos mostram que neste ambiente familiar no qual estão inseridas podem estar ocorrendo relações de fracasso resultantes de falhas de comunicação ou mesmo de

relações agressivas. É a matriz que faz com que espelhem essa forma em outras relações sociais.

Encontro 3 – Família do super-herói

Como aquecimento mantiveram-se os jogos utilizando papéis de super-heróis e vilões e na sequência foi construído com almofadas o átomo social¹ de um personagem escolhido pelo grupo, BEN10. Surgiram: avô Max, irmã do BEN10, amigo do BEN10, pai e mãe que faleceram, o inimigo e o relógio do poder. Pediu-se que cada um tomasse um desses papéis, aquele que mais se sentisse próximo ou confortável. Após a dramatização e o compartilhar foi comentado sobre olharmos para as nossas relações. Nesse dia começaram a surgir alguns relatos de relações hierárquicas assimétricas.

O super-herói escolhido, segundo eles, é um personagem que não vive com os pais, mas sim com um tio e uma irmã. Essa construção corrobora com o que eles vêm enfatizando anteriormente que são as suas relações de *cluster* fraterno, e também denunciam o quanto a relação com os pais pode ser insegura, contingente, melindrosa.

“Gosto de morar com minha irmã”. Essa fala foi da criança que escolheu o personagem BEN10 e que disse preferir ficar com o relógio do poder do que ter os pais. Considerando-se que da mesma forma que o personagem, a criança foi afastada dos pais, porém, no caso dela, porque sofria violências destes. Atualmente também vivencia as relações de *cluster* materno e paterno através de outras pessoas, da irmã mais velha, que é adulta, e do marido dela. Ao se referir a esta irmã atualmente a compreende como uma figura de afeto e cuidado, construindo com ela vínculo assimétrico.

Outra verbalização importante que surgiu foi relacionada a um tio que “faz o que quer, passa por cima de mim”. Bustos (2001) nos traz que o *cluster* dois está relacionado à conquista da autonomia, à passagem gradual da total dependência para a

¹ É a menor unidade social, em si mesma, indivisível, que se forma ao redor dos indivíduos (Seixas, 1992).

total autonomia. Nesse momento a criança está comunicando que se sente invadida e desrespeitada em tal processo.

Cabe mencionar que as crianças em questão também almejam nas suas figuras atuais o estabelecimento de relações mais protetivas ou saudáveis, para exemplificar, é possível perceber o caso de Susan, que apresenta a relação escassa com o pai biológico e atualmente convive com um padrasto com o qual está estabelecendo um relacionamento paterno.

Encontro 4 – Super-herói ou vilão?

Iniciou-se o grupo com jogos e na sequência foi colocada a música “Super-Heróis, do Trem da Alegria” com imagens de diversos personagens no *Datashow*. Após esse aquecimento cada criança escolheu um personagem e fizeram um teatro espontâneo. Utilizou-se técnicas como solilóquio e espelho, porém mantinham-se conservados no mesmo script. Após a entrada de um ego-auxiliar no papel de vilão observou-se uma mudança no desempenho dos papéis. Houve a flexibilização dos participantes quanto aos papéis de vilão e super-heróis. Conseguiram perceber que a mesma pessoa pode desempenhar ambos papéis na vida deles.

Neste encontro explorou-se a interação e criatividade dos participantes. Existem estudos de que as crianças quando sofrem maus tratos dentro da família tendem a repetir esses padrões devido à aprendizagem emocional dos primeiros anos, e as inter-relações familiares e sociais acontecem de maneira transferencial, com uso tênue dos fatores de tele e espontaneidade (Silva, Vecinas, 2002).

Chamou a atenção uma expressão mencionada durante a dramatização: “Eles estão fingindo para não lutar, posso dar um puxão de orelhas para resolver isso”, um fenômeno ao qual Cukier (1998) chama de “contágio psicológico”, conforme já explicitado; fica evidente nessa fala que, ao desempenhar o papel de um adulto, a

criança repetiu as características abusivas, perpetuando, assim, multigeracionalmente a violência.

Após a inserção do vilão, a resposta do grupo foi a inversão de um super-herói em vilão. Esse movimento tornou-se importante para a flexibilização dos papéis e dos extremos, permitindo a eles circular entre os opostos. No compartilhamento final citaram momentos em que eles próprios tornam-se vilões, e também os familiares, que em alguns momentos são vilões e em outros heróis. Tal circularidade aponta para a consolidação de um modelo de saúde mental, no qual as ações são baseadas na espontaneidade e criatividade.

Encontro 5 – Quem é o meu vilão?

Como aquecimento neste encontro, a diretora pediu que trouxessem características dos vilões, enquanto andavam. Na sequência trabalhou-se com vinhetas, ou seja, pequenas dramatizações, relacionadas a vivências que tiveram com essas características que listaram. Surgiram comentários voltados para os sentimentos que foram despertados com as vivências, e a complementariedade dos papéis que desenvolvem. Observou-se ainda que no contexto psicodramático construíram novas possibilidades de interação.

Das quatro situações trazidas, três mostraram relações de autoridade, nas quais o poder foi exercido de forma agressiva. Ao invés de as relações de *cluster* dois proporcionarem autonomia e autoconfiança, despertaram angústia e medo por serem exercidas com violência.

Bustos (2001) descreve que a capacidade de ordenar os pensamentos e as ações e de dar forma aos conteúdos é produto do período de aprendizagem de *cluster* um, que está relacionado com a capacidade de gerar ações e ideias; já o *cluster* dois tem como

função canalizá-las. Quando prevalece a agressão ou a disfunção, coloca-se em risco o desenvolvimento saudável da criança.

A figura paterna busca limitar as ações, ordenar, gerando segurança, autoconfiança. Quando essa figura torna-se agressiva, hostil, são proporcionados sentimentos de ódio e destruição (Bustos, 2001). Em diversas situações durante os encontros, um dos meninos (Bruce) não participou, porém citou por várias vezes situações de violências envolvendo o padrasto. A insegurança em falar sobre o assunto, ou mesmo em fazer parte do grupo, pode estar vinculada a estas relações que vivenciou com essa figura paterna.

Considerações Finais

Concluiu-se que, ao utilizar personagens de super-heróis durante o aquecimento e dramatizações com o grupo de crianças, foi possível que estas vivenciassem os papéis de agressor, vítima e cuidador. Nas vivências, trouxeram emoções e padrões experimentados em suas relações, como observamos no primeiro encontro, quando colocaram como estratégia de luta: “as mulheres disfarçam e depois os homens vêm e atacam”, expondo assim um padrão de ação que lhes é familiar, no qual o homem é agressivo e violento em alguns momentos.

No segundo encontro, a partir da identificação de características dos personagens, surgiu, dentre outras falas, o sentimento de raiva e as reações frente a este, que foram de agredir, ignorar ou fugir. Em seguida, no terceiro encontro, ao trazerem os personagens do átomo social de super-herói, emergiram emoções vinculadas à perda, ao abandono, à rivalidade e à “maturidade” (evidente na fala: “é difícil ser o Ben10, não pode mais brincar, mas é legal salvar as pessoas”). Outra situação, experimentada no quarto encontro, foi uma batalha entre vilões e super-heróis, na qual surgiu uma fala de

que alguns estariam fingindo para não lutar e que, com um puxão de orelha, poderia resolver. Essa fala expressou o modo como a violência física pode ser utilizada para resolver as adversidades em seu cotidiano, estando naturalizada como algo educativo. No último encontro, através de personagens de vilões, despertou-se para as experiências de violências que passaram; sentimentos de incapacidade, mágoa, fraqueza, medo, tristeza foram relatados pelos participantes por meio das cenas.

A partir das vivências com os personagens de super-heróis e vilões, também foi possível trabalhar a flexibilidade dos papéis, eles mesmos, ao longo dos encontros, identificaram pessoas de suas convivências que possuem ambos os papéis, ou mesmo momentos em que eles próprios desempenham um ou outro.

No último encontro ficou clara a mobilização das emoções privadas vinculadas com as experiências coletivas.

A utilização de personagens conhecidos por eles para aquecimento e dramatização foi considerada válida para o trabalho, não só por facilitar o aquecimento, mas principalmente por permitir explorar os papéis que elas vivenciam em suas relações familiares e sociais, principalmente por tratar-se de crianças que vivem em ambiente de vulnerabilidade devido à violência.

Para tanto, é importante salientar que os encontros possibilitaram observar como é possível construir uma prática psicoterápica psicodramática em um espaço de assistência social utilizando temas cotidianos e, a partir destes, discutir as problemáticas vivenciadas em relação ao eu privado e ao eu coletivo.

Referências

Lei nº 12435, de 6 de julho de 2011. Dispõe sobre a organização da Assistência Social. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12435.htm

Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm

Bustos, D. (2001). Perigo.. Amor à vista! Drama e Psicodrama de Casais. São Paulo: Aleph.

Cukier, R. (1998). Sobrevivência Emocional: as dores da infância revividas no drama adulto. São Paulo: Ágora,

Ferrari, D. C. A. (2002a). Definição de Abuso na Infância e na Adolescência. *In*: Ferrari, D.C.A.; Vecina, T.C.C.(Orgs.). *O Fim do Silêncio na Violência Intrafamiliar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora.

Ferrari, D. C. A. (2002b). Visão Histórica da Infância e a Questão da Violência. *In*: Ferrari, D.C.A.; Vecina, T.C.C. (Orgs.). *O Fim do Silêncio na Violência Intrafamiliar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora.

Fonseca, J. (2008). Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno. 7 ed. rev. São Paulo: Ágora.

Misse, M. Dizer a violência. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 165-166, dez. 2008. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141449802008000200001&lng=pt&nrm=iso

Moreno, J. L. (1993). Psicodrama. São Paulo: Cultrix.

Moreno, Z. (1975). Psicodrama de Crianças. São Paulo: Vozes.

Naffah Neto, A. (1980). Psicodramatizar. São Paulo: Ágora.

Nery, M.N.; Costa, L.F.; Conceição, M.I.G. (2006). O Sociodrama como Método de Pesquisa Qualitativa. *Paidéia*, 16 (35), p. 305-313.

Santos, A.G. (1998). Auto apresentação, apresentação do átomo social, solilóquio, concretização e confronto. *In*: Monteiro, R. (Org.). *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. (pp 00-00) . São Paulo: Ágora.

Silva, M.A.S.; Vecinas, T.C.C. (2002). Mapeando a violência contra crianças e adolescentes. *In*: Ferrari, D.C.A.; Vecina, T.C.C. (Orgs.). *O Fim do Silêncio na Violência Intrafamiliar: teoria e prática*. (pp 00-00) São Paulo: Ágora.

Anexos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A criança sob sua guarda está sendo convidado(a) para participar como voluntário em uma pesquisa. Após a leitura e esclarecimento sobre a mesma, no caso de aceitar que a criança faça parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine no final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e outra é do pesquisador.

Título do projeto: **Super-heróis e Vilões: vivências sociopsicodramáticas com crianças vítimas de violências.**

Responsável pelo projeto: XXXXX

Telefone para contato: XXXX

O Objetivo desta pesquisa é descrever como as figuras de super-heróis podem ser utilizadas para avivar as emoções em um grupo de crianças vítimas de violências.

A participação na pesquisa consiste em um grupo de crianças, que será realizado pela responsável pelo projeto, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o pesquisado. Os procedimentos aplicados por esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e para a composição do relatório de pesquisa, resguardando sempre sua identidade. Os dados obtidos na pesquisa serão utilizados na Federação Brasileira de Psicodrama (envolvendo estudantes e docentes) e servirá de base para a elaboração de artigo científico para publicação em periódicos de âmbito nacional. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelo telefone acima citado.

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO MENOR COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA

Eu, _____, RG _____,

CPF _____, abaixo assinado, concordo que o menor sob minha guarda participe da pesquisa. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os riscos e benefícios decorrentes da participação. Foi me garantido que o participante pode retirar seu consentimento a qualquer momento e que posso ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Local, ____/____/____.

Assinatura do responsável da criança:

Assinatura do pesquisador responsável:

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA

Local: Centro de Referencia Especializado de Assistência Social – CREAS

Responsável pelo projeto: XXXXX

Telefone para contato: XXXX

Título do projeto: Super-heróis e Vilões: vivências sociopsicodramáticas com crianças vítimas de violências.

O Objetivo desta pesquisa é descrever como as figuras de super-heróis podem ser utilizadas para avivar as emoções em um grupo de crianças vítimas de violências.

A pesquisa consiste em um grupo de crianças, que será realizado pela responsável pelo projeto, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o pesquisado. Os procedimentos aplicados por esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e para a composição do relatório de pesquisa, resguardando sempre sua identidade. Os dados obtidos na pesquisa serão utilizados na Federação Brasileira de Psicodrama (envolvendo estudantes e docentes) e servirá de base para a elaboração de artigo científico para publicação em periódicos de âmbito nacional.

Com o objetivo realizar a pesquisa descrita acima, de cunho psicoterapêutico no Centro de Referencia Especializado de Assistência Social – CREAS da Secretaria de Assistência Social do Município de _____, a Diretora de Proteção Especial, declara estar ciente e de acordo com seu desenvolvimento nos termos preposto e que esta instituição dispõe da infraestrutura necessária para realização da pesquisa, salientando que os pesquisadores deverão cumprir os termos da resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura com carimbo do responsável da instituição

Local, ____/____/____.